

A IMPORTÂNCIA DA DANÇA PARA ALUNOS COM SÍNDROME DE *DOWN*

PASCHOAL, Adriele Ventura¹

TEODORO, Rakel de Cássia²

HIRAY, Hélio Cunhichiro³

RESUMO: A Síndrome de *Down* é uma condição genética causada por uma anormalidade cromossômica e é uma das causas mais frequentes da deficiência intelectual, assim como dos atrasos cognitivos e motores. O objetivo deste trabalho é estudar e relatar a importância da dança para o desenvolvimento do aluno com Síndrome de *Down*, que durante muito tempo foi confinado a fazer parte de uma camada excluída da sociedade. Diante disso, foi realizada uma revisão de literatura, utilizando artigos bibliográficos. As idéias apontadas no presente artigo mostram que a dança é uma importante ferramenta de inserção social, promoção da saúde e melhoria na qualidade de vida para as pessoas com Síndrome de *Down*, além do exercício em si, há os aspectos terapêuticos, como o exercício da memória para decorar as coreografias, e onde cada um responderá de maneira única aos estímulos que a dança irá lhe proporcionar. Sendo assim, a dança é um meio de tornar pessoas com Síndrome de *Down* independentes na sociedade tendo nela uma interação inclusiva com o mundo, seja para enfrentar barreiras, romper preconceitos, lutar pela igualdade de capacidades, e consigo e tentarem viver como uma pessoa não deficiente, a Síndrome de *Down* não é uma doença mas sim uma condição genética que difere essas pessoas das outras, porém não as tornam menos humanas e nem menos importantes.

Palavras-chave: Síndrome de *Down*. Dança. Inclusão.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é estudar e relatar a importância da dança para o desenvolvimento do aluno com Síndrome de *Down*, que durante muito tempo foi confinado a fazer parte de uma camada excluída da sociedade. Mais especificamente mostrar que a dança não é usada apenas para movimentar o corpo, mas também é trabalhada como atividade completa.

¹Adriele Ventura Paschoal — Graduação Licenciatura em Educação Física. FREA/FIRA — Faculdades Integradas Regionais de Avaré.18700-902. Avaré-SP dri_ventura3@hotmail.com

²Rakel de Cássia Teodoro — Graduação Licenciatura em Educação Física. FREA/FIRA — Faculdades Integradas Regionais de Avaré. 18700-902 Avaré-SP rakel.cteodoro@hotmail.com

³Orientador Professor de LUTAS e Coordenador de Educação Física de FREA/FIRA — Faculdades Integradas Regionais de Avaré.18700-902. Avaré-SP Graduado em Educação Física pela ESEFA/ heliohiray@gmail.com

A dança é uma das formas mais antigas de expressão e comunicação utilizadas pela humanidade, podendo ser observado um crescimento contínuo desta arte. Desde 1940, vem sendo utilizada como meio terapêutico para pacientes com as mais diversas doenças e deficiências.

A Síndrome de *Down* é caracterizada como condição genética, reconhecida há mais de um século por John Langdon *Down*, constituiu uma das causas mais frequentes de deficiência mental, compreendendo cerca de 18% do total de deficientes mentais em instituições especializadas. Esta síndrome é considerada uma das mais incidentes anomalias numéricas dos cromossomos autossômicos e representa a mais antiga causa genética de retardo mental (MOREIRA; EL-HANI; GUSMÃO, 2000; MANCINI et al., 2003).

A dança tem uma grande característica de socialização e motivação, seja em par, sozinho ou em grupo, seja idoso ou crianças, seja homem ou mulher dançando todos se sentem bem, portanto é uma prática para toda a vida, que se desperta sentimentos e desenvolve capacidades anteriormente inimagináveis. (LEAL; HAAS, 2006).

O presente estudo tem como foco ressaltar como a dança pode contribuir e promover um melhor desempenho para alunos com Síndrome de *Down* e por meio de quais atividades em grupo pode ocorrer uma maior inclusão com alunos. No âmbito escolar é importante conhecer os diferentes tipos de deficiência, nos casos em que já se encontram instaladas, buscar por meio da dança promover a inclusão e o resgate da autoestima dos alunos, potencializando as possibilidades de socialização entre todos.

Diante desse contexto, através da Educação Física, a dança por meio de movimentos pode promover e contribuir com foco em: precisão rítmica, coreografias em grupo, se torna de modo a estimular a integração e inclusão entre os alunos, atenção à diversidade do outro, e serve como terapia alternativa além de sensibilizá-los musicalmente, pois desenvolve o corpo e o cognitivo, melhorando o seu rendimento escolar, sua integração com a sociedade e seu desenvolvimento.

O trabalho será elaborado através de uma revisão literária científica, utilizando acervos como artigos, dissertações, entre outros embasamento teórico, conforme LAKATOS (2007).

No primeiro momento da pesquisa foram abordados conceitos e características sobre Síndrome de *Down*, e no segundo momento enfatizou-se sobre a dança para os alunos com essa deficiência e a aceitação de suas limitações, e os benefícios que a dança pode lhe trazer.

2. CONCEITUAÇÃO DA SÍNDROME DE *DOWN*

A Síndrome de *Down* (SD) é uma condição genética na qual o indivíduo possui 47 cromossomos por célula, quando o normal seria apenas 46, agrupados em 23 pares. Esse cromossomo a mais se encontra no par 21, que ao invés de dois, tem três cromossomos. Diante disso, essa Síndrome também pode ser chamada de trissomia do par 21 (CINTRA, 2002; MARTINS, 2002).

O termo “Síndrome”, conforme Rosana Cintra (2002, p. 32), significa “conjunto de sinais e de sintomas que caracteriza um determinado quadro clínico”. Sendo assim, a junção do nome Síndrome de *Down* se deu a fim de prestar uma homenagem a John Langdon *Down*, um médico inglês que foi o primeiro a reconhecer e descrever esse grupo de pessoas que possuem um déficit mental.

Lentidão na captação e no processamento de informações, na elaboração e emissão de respostas adequadas e também, afetando algumas funções cognitivas importantíssimas para a aprendizagem, 12 tais como: atenção, iniciativa, memória, associação e análise (MARTINS, 2002, p. 53).

Deve ser também ressaltado que as habilidades intelectuais do Síndrome de *Down* têm sido historicamente subestimadas. Estudos mostram que a maioria dos *Down* tem um desempenho na faixa de retardo mental entre leve e moderado.

2.1. Sinais e características da Síndrome de *Down*

Algumas das características das pessoas que possuem a Síndrome de *Down* são a lentidão no crescimento, baixa estatura, cabeça pequena (com relação a outras crianças da mesma faixa etária), face com perfil achatado, fissuras palpebrais, mãos pequenas e grossas com prega palmar única, excesso de pele na nuca, membros superiores e inferiores (braços e pernas) curtos, hipotonia muscular (diminuição do tônus muscular e da força, o que causa a flacidez), dentre outras (VOIVODIC, 2008).

Segundo Voivodic (2007), indivíduos com Síndrome de *Down* apresentam fenótipo semelhante que pode ser identificado logo após o nascimento, porém o desenvolvimento e comportamento não podem ser considerados um padrão.

Schwartzman (1999), afirma que muitos autores atribuem comportamentos como, afetividade, teimosia, bom humor como características típicas de pessoas como Síndrome de *Down*. Porém estudos revelam que essas características sofrem influência do meio em que vivem e principalmente de sua família e essas crianças são parecidas nestes aspectos com os outros membros da família, como seus irmãos normais. Assim, quadros como autismo, déficit

de atenção, a esquizofrenia entre outros não são quadros clínicos diretamente relacionados com a Síndrome de *Down*.

3. BREVE HISTÓRICO DA DANÇA

A dança é uma das três principais artes cênicas da antiguidade, ao lado do teatro e da música. No antigo Egito já se realizava as chamadas danças astro-teológicas em homenagem a Osíris. Na Grécia, a dança era frequentemente vinculada aos jogos, em especial aos olímpicos. A dança caracteriza-se pelo uso do corpo seguindo movimentos previamente estabelecidos (coreografia) ou improvisados (dança livre). Na maior parte dos casos, a dança, com passos ritmados ao som e compasso de música e envolve a expressão de sentimentos potenciados por ela, pode existir como manifestação artística ou como forma de divertimento ou cerimônia.

Dançar é uma forma de integrar o corpo, o pensamento, a criatividade de improvisação, a expressão e a comunicação do ser humano em relação ao mundo que está a sua volta. A fonte da linguagem por meio da expressão corporal é uma propriedade verdadeira que o homem dispõe, ele desenvolve toda sua cultura e sua história pelo corpo (FAHLBUSCH, 1990).

A dança é uma forma de integração e expressão tanto individual quanto coletiva, em que o aluno exercita a atenção, a percepção, a colaboração e a solidariedade. A dança é também uma fonte de comunicação e de criação informada nas culturas. Como a atividade lúdica a dança permite a experimentação e a criação, no exercício da espontaneidade. Contribui também para o desenvolvimento da criança no que se refere à consciência e à construção de sua imagem corporal, aspectos que são fundamentais para seu crescimento individual e sua consciência social (BRASIL, 1997, p. 49)

Assim a dança, com certeza, é uma das mais antigas artes criadas pelo homem, onde ele manifestava todos os seus impulsos, crenças, desejos (GARCIA; HAAS, 2006).

Pode-se encontrar então na dança elementos gerais que se manifestam nas danças de todos os povos, elementos específicos que diferenciam as danças dos diversos povos.

Para Laban, (1990) os movimentos na dança se manifestam na riqueza dos gestos e nos passos utilizados no dia-a-dia: em qualquer ação o homem faz uso de movimentos leves ou fortes, diretos ou flexíveis, lentos ou súbitos, controlados ou livres.

3.1. Dança estilo livre

Segundo Fonseca (1995), a dança pode vir a contribuir para o desenvolvimento da percepção corporal dos indivíduos com Síndrome de *Down*, o que permite um desenvolvimento adequado em relação com o meio, aprofundando as características de dissociação entre o esquema e a imagem corporal desses indivíduos.

Considerando a Dança como uma área específica de expressão humana, que possui como princípios básicos a liberdade de escolha, a criatividade, a diversão e prazer, sendo ainda um aspecto importante para a melhoria da psicomotricidade e comunicação, cabe ao professor desenvolver abordagens de ensino e aprendizagem utilizando movimentos variados, ampliando assim seu conhecimento corporal através de passos de modalidades diferentes em uma só coreografia, contudo surgindo o estilo livre.

Lazzerini (s/d) afirma que a Dança Livre é uma aula que explora as diferentes possibilidades de movimentos a partir dos movimentos básicos do corpo em adequação ao trabalho das valências físicas: força, flexibilidade, equilíbrio, coordenação, agilidade e velocidade.

A dança livre proporciona uma atividade diferenciada das demais atividades. A muita diversificação de movimentos, pois utilizam diferentes estilos e ritmos, de forma que se possa trabalhar o corpo de diferentes maneiras. Cada estilo ou ritmo tem um estímulo corporal diferenciado, que agrupadas em uma aula coerente, pode proporcionar um trabalho físico completo.

A dança, como movimento e sentimento, procura mostrar que seus praticantes, situados historicamente, buscam mudanças, mostrando suas capacidades e seus sentimentos perante uma sociedade que os olha com um sentimento de pena, diferenciando-os mediante padrões sociais e estéticos (TOLOCKA & VERLENGIA, 2006, p.94).

3.2.O corpo e a dança

Em instituições onde a dança começou a ser trabalhada, professores e diretores sentiram a diferença de comportamento 13 de seus alunos. a começar pelo número de faltas, que diminuiu razoavelmente. A participação dos alunos em outras atividades promovidas pela escola (festas, semanas culturais e científicas, gincanas etc.) começou a ser mais efetiva. De maneira geral, os professores são unânimes ao afirmar que o interesse do aluno pelo ensino melhorou, como se, através das atividades de dança na escola, o aluno tivesse reencontrado o prazer de estar nesta instituição (STRAZZACAPA, 2001).

Portanto, dançar restaura a própria essência e a auto estima. E isso realmente acontece quando nos entregamos aos movimentos completamente, e deixamos que o movimento expresse tudo o que é único em cada um de nós. Nesse seguimento, a dança se revela sendo uma linguagem corporal, rica de significados, expressões que se abre como um caminho radiante para o autoconhecimento e conhecimento do mundo em que vivemos.

Pode-se perceber que os estímulos representam as formas de interagir com o mundo. Estímulos, onde se manifesta amor, respeito, confiança, carinho, alegria, há uma grande chance das respostas serem iguais ou ao menos parecidas. Consequentemente se o mundo fosse mais irmão, haveria mais estímulos de cooperação. E se o homem compreendesse que a natureza é a sua fonte de vida, seus estímulos com ela, seriam de cuidados de filho com a mãe, que lhe gera a vida dia-a-dia (BREGOLATO, 2006).

Strazzacappa (2006) afirma que o propósito da Dança como forma de Arte e expressão é justamente propiciar ao corpo “que dança” possibilidades diferenciadas de percepção e cognição, diferente do que o corre com o corpo “na dança”.

4. A DANÇA PARA PESSOAS COM SÍNDROME DE *DOWN*

Quando se fala de SD, sempre se enfocam os limites do indivíduo e não aquilo que ele é capaz de fazer. Vários trabalhos realizados sugerem que a privação de uma fonte de informação sensorial pode implicar a utilização de outro meio para coleta de informações, ou seja, a restrição de certos movimentos faz com que esses indivíduos utilizem outra via para o envio de comandos musculares. Portanto, tanto os adultos quanto as crianças podem apresentar capacidades para lidar adequadamente com as suas restrições motoras, refletindo assim padrões de movimentos diferenciados indicando que esses indivíduos dispõem de recursos para lidar com as suas tarefas motoras (GIMENEZ, 2005).

Como se pode analisar, a dança poderá ser um bom instrumento socializador entre várias diferenças, sejam elas sociais, educacionais, e até mesmo na questão da inclusão. Assim ela irá possibilitar a autonomia e liberdade do indivíduo, possibilitando ao educando articular uma relação através da sensibilização e experiências que estabelecem.

Tolocka (2000), afirma que, o termo atraso de desenvolvimento, dado as diferenças que podem ser notadas no desenvolvimento motor de um aluno com Síndrome de *Down* se comparadas com crianças sem essa síndrome é inadequado, pois o que se apresenta na verdade são desvios de desenvolvimento e não atrasos. Com relação aos estudos feitos sobre a agilidade de pessoas com Síndrome de *Down* em responder a estímulos, concluiu-se que isto

poderia significar que esses indivíduos desejariam realizar o movimento mais lentamente para conseguir atingir mais precisão, sendo uma diferença devido à estratégia adotada para controle motor e não necessariamente uma diferença biológica, portanto considerada uma reação adaptativa.

Para Canning (1998), não pode se descartar a idéia de que com esse grupo a estimulação precoce é fundamental e as habilidades adquiridas serão essenciais para o desenvolvimento desse aluno. De acordo com os resultados apresentados dos alunos que dançam, elas adquiriram habilidades que serão úteis para a vida adulta, como por exemplo, a melhora no desempenho na atividade de idéias geradas de movimentos, em comparação com o outro grupo analisado.

Em geral, mantemos o corpo adormecido. Somos criados dentro de certos padrões e ficamos acomodados naquilo. Por isso digo que é preciso desestruturar o corpo; sem essa desestruturação não surge nada de novo. Se o corpo não estiver acordado é impossível aprender seja o que for (VIANNA, citados nos estudos de MILLER, 2007, p. 55).

A dança pode ser trabalhada com os alunos com Síndrome de *Down*, de maneira que melhore a capacidade física, a inclusão social o equilíbrio emocional e a aceitação de suas limitações. Se guiada numa condição mais lúdica, a dança favorece não apenas em um modelo de ensino, que não se fixa em uma única técnica, porém que proporciona maior liberdade de movimentos e amplos ensinamentos de um só passo.

4.1. Dança como um fator de inserção social

A dança pode colaborar com os alunos deficientes de maneira eficaz com a inclusão social, pois ela traz relações diversas com o homem o seu meio social e cultural. Historicamente, a dança assumiu diversas formas e tem se transformado, assim como a sociedade. Ensinar a dançar não é apenas dizer o que está certo ou errado, mas estimular a sua capacidade de expressão corporal criação, ou seja, brincar com o próprio corpo. Segundo Maurice Béjart, coreógrafo sensível ao significado da dança na educação das crianças, dançar é tão importante para uma criança quanto contar, falar ou aprender. O lugar da dança é nas casas, na rua, na vida (SANTOS; FIGUEIREDO, 2003).

Para Lima e Bosque (2010), ensinar a dança para pessoas cujo corpo apresenta uma deficiência é de suma importância. Portanto, é preciso ressaltar que a palavra ensino tem que ser colocada como a ação do professor em despertar e orientar o aluno para o movimento, deixando-o livre para desenvolver qual o gesto adequado para expressar como o aluno

percebeu e percebe aquilo que lhe é proposto. E, não aquele ensino, que vem do comando do que deve ser feito, que imprime um modelo e aplica, que se antecipa autoritariamente, definindo qual gesto é harmonioso para o movimento.

Fahlbusch (1990), considera que o movimento é um elemento constante no espaço. Diz-se na física que um corpo está em movimento quando ele ocupa posições sucessivas no espaço impulsionado por uma força. Para ela, o movimento não é somente um resultado físico, um deslocamento de matéria e a força que o determina. É sempre a força resultante de uma reação psíquica e emocional que, atuando sobre o nosso corpo, determina. Desprendimento de energia e variações de tensão muscular que podem resultar no deslocamento de um ou mais segmentos do corpo

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, quando se realiza a dança criam-se oportunidades ao corpo juntamente com novas experiências, proporcionando acesso a uma linguagem própria, pois um corpo dançando sempre quer comunicar, expressar e criar algo. A prática da dança em alunos com Síndrome de *Down* realmente oferece índices melhores de desenvolvimento motor, a dança, para essas pessoas, traz contribuições em diversas áreas, tais como motoras, cognitivas, culturais, sociais, entre outros importantes aspectos..

Assim, torna-se necessário continuar avançando e introduzindo nas aulas de Educação Física a dança, pois é um dos temas que vem sempre inovando a prática dessa disciplina. A dança contribui de forma eficaz para as pessoas que apresentam deficiências, como uma importante modalidade para aliviar tensões, angústias, frustrações, agressividade, levando a uma melhora da autoestima, da socialização como fator principal e gerando segurança. Do ponto de vista físico, desenvolve a força muscular, a resistência cardiovascular, além de auxiliar nas formas individuais e coletivas de expressão, promovendo assim uma completa interação do indivíduo e assim contribuindo para a boa relação de todos.

Por isso a dança não deve ficar somente restrita em festas comemorativas nas escolas ou como conteúdo escrito, pois deve ser trabalhado para além da escola construindo nos alunos um ser cidadão que exerça sua cidadania para melhorar sua relação com os demais seres e com o mundo.

4. REFERENCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes**, v. 6, p 49. Brasília, 1997.

BREGOLATO, R.A. **Cultura corporal da dança**. 2 ed.São Paulo: Ícone, 2006.

CANNING, C. D. Os anos pré-escolares. In: PUESCHEL, S. **Síndrome de Down guia para pais e educadores**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1998.

CINTRA, R. **Educação Especial x Dança: um diálogo possível**. 1 ed.Campo Grande:Editora: UCDB, 2002

FAHLBUSCH, H. **Dança moderna contemporânea**. Rio de Janeiro: SPRINT, 1990.

FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto: Artmed, 1995.

GARCIA, A. ; HAAS, A. N. **Ritmo e dança**. Canoas: Ulbra, 2006.

GIMENEZ, R.; MANOEL, E. J. Comportamento motor e deficiência: considerações para pesquisa e intervenção. In: TANI, G. **Comportamento motor aprendizagem e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

LABAN, R.. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. 7 ed. SP: Atlas, 2007.

LAZZERINI, V. **Dança livre**. CiaVivian Lazzerini de Dança. S/D. Disponível em<<http://www.vivianlazzzerini.com.br/danca-livre.html>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

LEAL, F. I.; HAAS, N.A. O significado da dança na terceira idade. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v.3 n.1, p. 64-71, jan./jun. 2006.

LIMA, L. J.; BOSQUE, R. M. A. Contribuição da dança para o desenvolvimento integral dos alunos do grupo de dança da APAE-AP. EFDeportes.com. **Revista Digital, Buenos Aires**, vol.15, n. 149, outubro de 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd149/danca-para-o-desenvolvimento-integral-dos-alunos.htm>>. Acesso 15 nov. 2017.

LOMBA, M.; LOMBA, A.. **Saúde Total. Clínica Médica: Diagnóstico, Tratamento e Prevenção**.. Olinda: Edição dos autores, 2010.

MARTINS, L. **A inclusão escolar do portador da síndrome de Down: o que pensam os educadores?** Natal: EDUFRN. Editora: UFRN, 2003.

MILLER, J. **A escuta do corpo: sistematização da Técnica Klauss Vianna / Jussara Miller**. São Paulo: Summus, 2007.

MOREIRA, L M. A. EL HNI, C. N; GUSMÃO, F. A. F. A Síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético. **Revista brasileira de Psiquiatria**, v.22, n.2, p.96-99, fev.2000.

SANTOS, R. C.; FIGUEIREDO, V. M. C. Dança e inclusão no contexto escolar, um diálogo possível. **Pensar a prática** 6, 2017. Disponível em:<<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/16052/9836> > Acesso em: 15nov. 2017.

SCHWARTZMAN, J. S. et al.. **Síndrome de Down**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 1999.

STRAZZACAPPA, M. MORANDI. Carla. **Entre a arte e a docência**: A formação do artista da dança. Campinas, SP: Papirus, 2012.

STRAZZACAPPA, M. **A educação e a fábrica de corpos**: a dança na escola. CEDES v.21, n.53,p Campinas abr. 2001.

TOLOCKA, R. E.; VERLENGIA, R. **Dança e diversidade humana**. Campinas : Papirus, 2006.

TOLOCKA, R. E. **Estabilidade motora de pessoas portadoras de síndrome de Down, em tarefas de desenhar**. 2000. 190f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

VOIVODIC, M. A. M. A. **Inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 173 p.